

GESTALT-TERAPIA E FEMINISMO: UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE A PERCEPÇÃO DA MULHER

Tainara Oliveira dos Santos Borges¹

Thaiz Poloni da Silva¹

Andrea Loss Nunes²

¹ Acadêmicas do curso de Psicologia pela Faculdade Brasileira – MULTIVIX Vitória

² Doutora em Psicologia e Psicóloga pela UFES – Universidade Federal do Espírito Santo.
Docente do curso de Psicologia da Faculdade Brasileira – MULTIVIX Vitória

RESUMO

Desde a antiguidade, pode-se observar o lugar desprivilegiado em que as mulheres ocupam na sociedade. É possível identificar em alguns aspectos como o religioso, o social e o político/econômico. O objetivo Geral do estudo foi identificar as percepções sobre o feminismo embasadas pela Gestalt-terapia. Para alcançar esse objetivo, traçou-se objetivos específicos: catalogar os artigos publicados com o tema feminismo; identificar a percepção sobre feminismo e pesquisa exploratória. Os resultados apontaram para as categorias: Liberdade ameaçada, Busca de autenticidade, Modo feminino de estar no mundo. Conclui-se que a percepção da mulher sobre o seu lugar na sociedade e suas formas de relações, indicam uma busca por autenticidade e liberdade de ser na sociedade, que envolve a expressão da sexualidade e de seu valor.

Palavras-chave: Feminismo; Gestalt-terapia; Psicologia.

ABSTRACT

Since antiquity, one can observe the disadvantaged place in which women occupy in society. It is possible to identify in some aspects such as religious, social and political / economic. The general objective of the study was to identify the perceptions about feminism based on Gestalt therapy. To achieve this objective, specific objectives were outlined: cataloging published articles on the theme of feminism; identify the perception about feminism and exploratory research. The results pointed to the categories: Freedom threatened, Search for authenticity, Feminine way of being in the world. It is concluded that the perception of women about their place in society and their forms of relationships, indicate a search for authenticity and freedom to be in society, which involves the expression of sexuality and its value.

Keywords: Feminism; Gestalt-terapia; Psychology.

1 INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade pode-se observar o lugar desprivilegiado em que as mulheres ocupam na sociedade, uma posição sem mérito e desigual, quando comparado ao lugar do homem. É possível identificar nos aspectos religioso, social e político/econômico, a partir dessa época histórica, essa desigualdade (HAHON, 2018).

A visão religiosa cristã descreve a mulher como precursora do pecado, atribuindo a ela, toda a culpa (MEDEIROS, 2020). O pecado original (designação dada na teologia com referência ao estado, condição e qualidade de pecado em que todos os homens nascem) foi vinculado à libido feminina, onde a mulher seduz o homem e o leva a pecar. Confirmando assim, a concepção religiosa de que a mulher por ser pecadora e pouco confiável deveria submeter-se ao homem (ANJOS, 2018; MOREIRA, 2013; SILVA, 2005).

Construiu-se a partir da visão do teocentrismo (doutrina ou crença que considera Deus como o centro de tudo), uma imagem feminina enfraquecida, frágil e suscetível, depositando o valor da mulher em uma vida amena, resumida a conduzir, ensinar e acompanhar seu marido, com a perspectiva de vida inteiramente relacionada ao parceiro e sob a obrigação legal de obedecer ao homem (LOUZEIRO, 2018). Mesmo casadas, as mulheres deveriam manter-se castas e Piori (2006, p 79) associa essa ideia à visão religiosa dizendo “a crença de que o corpo feminino e a procriação eram assuntos divinos”.

O casamento e a submissão feminina perante o marido foram colocados como à definição de conquista e realização das mulheres, na época. Obedecer ao homem, cuidar da casa e dos filhos era o alicerce que perpetuava o casamento e neste contexto, as mulheres eram responsáveis sobretudo pela satisfação sexual do marido e por gerar seus herdeiros (LOUZEIRO, 2018). Muitas mulheres eram obrigadas a viver em relacionamentos insatisfatórios (FABENI, 2015).

A colunista feminista Anjos (2018, pág. 1) escreveu que “Uma mulher que carrega a culpa do pecado, o dever de satisfazer o marido e de dar-lhe filhos, não tem espaço para desfrutar do prazer.” Portanto, a mulher foi colocada como um ser destituído de autenticidade, e desautorizado a externar seus desejos, sob a luz e a condição de “santificação” do seu corpo para o casamento, conseqüentemente para o homem. A repressão da sexualidade feminina possuía também um caráter político, o corpo feminino assim como o capital, foi apropriado pelos homens e pelo Estado (MEDEIROS, 2020).

No fim da Idade Média ocorreu uma descentralização da Igreja e dos seus mandamentos com a chegada do antropocentrismo (forma de pensamento que considera o homem como centro de todas as coisas), que passou a influenciar o pensamento e a cultura (ALMEIDA, 2010). A lógica de Deus no centro da vivência humana – base do teocentrismo – decaiu, marcando a separação entre Teologia e Filosofia e resultando no surgimento do humanismo renascentista (CARVALHO, 2011). Esta mudança de perspectiva acerca do homem provocou uma mudança significativa na construção do conhecimento, estimulando a pesquisa científica, a arte, a literatura e impulsionando o ser humano à evolução (SANTIAGO, 2013).

Diante dessa nova perspectiva, o homem foi mais valorizado, aquecendo o sistema patriarcal já estabelecido, formando um sistema que resultou em dominação e exclusão das mulheres, sustentando a dominação masculina (BARROS, 2015). Sobre isso, Louzeiro (2018) destacou, que a diferença sexual pregada na época foi tida como diferença política, que resultou na liberdade do homem e na sujeição da mulher, e reforçou o preconceito enraizado em nossa cultura que é transmitido por gerações, caracterizando a convivência da sociedade para com a violência contra a mulher (SANTOS, 2019; MEDEIROS, 2018; DE OLIVEIRA; ROSE MAIO, 2016; PIMENTEL, 2010).

As concepções e crenças antropocêntricas permaneceram até a revolução francesa, sendo a mesma, cenário para a ascensão do Iluminismo (corrente que defendia as liberdades individuais e o uso da razão para validar o conhecimento) e avante de movimentos sociais, incluindo o feminismo (movimento que luta pela ampliação do papel e dos direitos das mulheres na sociedade) (ALMEIDA, 2010).

No século XIX, inspirado pelo Iluminismo, o pensamento Positivista (corrente teórica inspirada no ideal de progresso contínuo da humanidade), dominou parte da cultura europeia. A concepção de sujeito, nesta perspectiva, definia o homem como um ser autônomo, dotado de racionalidade e poder sobre a natureza, sendo o homem o padrão de perfeição (LOUZEIRO, 2018).

Assim, o homem era colocado em posição de destaque, detentor da razão e do

saber e a mulher era vista apenas como reprodutora, esposa e mãe, sendo pouco participativa para a ciência empírica e positivista. Às mulheres sobravam os papéis de esposa, mãe e dona de casa, considerados os atributos essenciais de sua condição (PAIVA, 2019).

Diante disso, compreende-se a importância e a relevância do movimento feminista para inserção da mulher nos domínios sociais e políticos. No Brasil o Movimento Feminista surgiu no século XIX, com lutas no campo da educação feminina e direito de voto. Nessa época, o Brasil era uma sociedade escravista, no qual oprimia e abusava principalmente das mulheres negras. Foi somente durante o império (1822-1889), especificamente em 1827, quando o ensino público e gratuito foi sancionado no Brasil, que as mulheres da sociedade adquiriram o direito à educação (RIBEIRO, 2019).

Nesse contexto, a educadora, escritora e poetisa Nísia Floresta Augusta (1810 – 1885) foi considerada precursora do Movimento Feminista no Brasil, fundadora da primeira escola para meninas no Rio Grande do Sul, sendo cenário para produção de literatura a qual defendia os direitos não só das mulheres, mas de todas as outras classes consideradas minorias. As mulheres negras, por exemplo, ganhavam menos do que homens brancos e negros e menos do que mulheres brancas (RIBEIRO, 2019).

Com a República (1889) surgiu a industrialização e as demandas de trabalho, onde os serviços das mulheres eram contratados por preços bem menores quando comparados aos valores pagos aos homens, reforçando nesse momento a desigualdade social e de gênero (CHAUI, 2016).

Em 1911, as mulheres começaram a questionar suas obrigações, sua atuação no mercado de trabalho, nas escolas, na família e em todos os outros campos de vivência. Iniciou-se um movimento emancipatório. O movimento foi caracterizado pela inquietação, mudanças e questionamentos acerca do modelo patriarcal e machista presentes na sociedade (HAHON, 2018). O feminismo foi entendido como um movimento social (COELHO, 2016).

Em 1917 ocorreu a greve geral da indústria e do comércio brasileiro em São Paulo. Cabe ressaltar o movimento das anarquistas, reunidas na "União das Costureiras, Chaleiras e Classes Anexas" em que mulheres se reuniram e proclamavam a dolorosa situação das mulheres nas fábricas e nas oficinas. Foi a primeira greve geral da história do Brasil e durou 30 dias (FRACCARO, 2017). Entretanto, o movimento perdeu sua força no Brasil, Inglaterra e EUA e só voltou a aparecer em 1930 com maior importância na década de 60. A Ministra da Secretaria de Políticas para Mulheres, Niceia Freire, na época, relatou que a Assembleia Nacional Constituinte (1986-1988) acolheu o clamor do movimento de mulheres, cujas vozes ecoavam desde os primórdios da República (FRACCARO, 2018).

Diante do movimento feminista, o objetivo das mulheres se voltou novamente para a conquista e a participação na cena eleitoral, houve uma transformação da mulher na sociedade como resultado também do empoderamento diante desse movimento. As mulheres tornaram-se exemplo de como é sofrida a busca pelos direitos de cidadania às minorias (ALMEIDA, 2018). As mulheres, quando já integrantes de movimentos reivindicatórios, atuavam lutando e discutindo sobre a igualdade de gênero, raça, escolaridade e liberdade sexual (HELENA, 2005).

Com a redemocratização em 1980, o Brasil entra em uma fase de grande luta pelos direitos das mulheres, com ampla gama de temas, além do direito à educação e direito ao voto, foi incluído Direito à Terra, à Saúde Materno-Infantil. Refletir sobre o alcance do feminino no voto remete ao pensamento das autoras Luczinski et. al. (2020) sobre a influência da cultura patriarcal, que historicamente reduziu a mulher a uma espécie humana de segunda categoria para poder dominá-la.

Uma das mais significativas vitórias do Movimento foi a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher em 1984, com a campanha de inclusão dos Direitos na nova Carta Constitucional. No governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011) foi criada a secretaria Especial de Políticas para Mulheres. Outra conquista foi a Lei Maria da Penha em 07/08/2006, que "Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher" (LEI Nº 11.340, DE 7 DE

AGOSTO DE 2006).

Sobre o feminismo no Brasil, Bezerra (2020) disse que o feminismo vai além de votos e campanhas pela moral, em que almejavam determinação política, intelectual e também sexual, visto que não tinham autonomia para decidir com quem iriam se relacionar, quando teriam e se gostariam de ter filhos ou não. Ou seja, buscava-se também, autonomia sobre o próprio corpo, havendo uma iminente necessidade de se construir a emancipação feminina. Uma busca pela posse de seu próprio corpo e liberdade de escolha (RIBEIRO, 2018).

A luta feminista trouxe uma quebra de paradigmas, ruptura com padrões excludentes que atravessaram gerações. O movimento feminista trouxe autenticidade para mulheres, trouxe o direito de sentir, de amar, de viver, tudo que era disponibilizado ao homem. Porém, com menos opressão e mais liberdade, pois entre os princípios que orientam as organizações feministas, destaca-se a autonomia e a horizontalidade. Aqui entende-se autonomia como termo que rejeita liderança e horizontalidade como condição de igual ao outro (SILVA, CAMURÇA, 2010).

O empoderamento de mulheres, é um termo que se refere ao processo da conquista da autonomia, da autodeterminação, enquanto no plano político, diz respeito ao desenvolvimento da força política e social das mulheres como um grupo ou minoria (SARDENBERG, 2018). Análogo a autonomia, o movimento feminista instituiu o empoderamento, descrito por Berth (2019, p. 21) como autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas. Isso reflete como a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem (RIBEIRO, 2019). Para Luczinski et. al. (2020) entende-se o empoderamento enquanto uma prática coletiva forjada no meio social e Berth (2019) compreende como uma maneira de obter liberdade e poder, para que a mulher possa fazer o que quer ou também controlar o que acontece com ela mesma. Nesse sentido, Ribeiro (2017, p. 5), considera que “quando uma mulher empodera a si, tem condições de empoderar a outras.”

A busca pelo empoderamento feminino influenciou o pensamento e prática na área da Psicologia clínica. Na perspectiva fenomenológica, o empoderamento é entendido como indicativo de crescimento, assim como, a conscientização pelo cliente (AZEVEDO, 2019). Marendaz (2016) explicou que dentro da perspectiva da Gestalt-terapia, abordagem da Psicologia clínica, não é possível tratar a necessidade imediata do sujeito sem levar em conta sua realidade de vida, seu campo social, suas crenças religiosas e sua sexualidade, relacionando-se com a proposta de empoderamento do movimento feminista.

O desenvolvimento da sociedade junto aos avanços e conquistas femininas, trouxe consigo, novas formas da mulher perceber a si mesma, de construir e de ressignificar todo o seu caminho, as suas relações, as suas prioridades, a sua sexualidade, a sua religiosidade, e também, a possibilidade de se pensar novas formas de masculinidade que não impliquem em relações desiguais (LOUZEIRO, 2018).

Sob o olhar da Gestalt-terapia, ser mulher é mais do que desempenhar um papel, está relacionado com a aceitação e responsabilidade pelo que percebe, e principalmente sobre suas escolhas no mundo (AZEVEDO, 2019). A Gestalt-Terapia está a serviço do acolhimento da mulher em sua singularidade, auxiliando-a a reconectar-se com suas reais necessidades. O centro dessa abordagem é a pessoa, e não a sua função, a sua atribuição para a sociedade. Importa a pessoa, suas relações, o que ela vivencia naquele momento, e não o que foi sócio historicamente estabelecido. As ideologias ficam em segundo plano, para essa abordagem clínica psicológica, ao priorizar a pessoa e suas dores (AZEVEDO, 2019). Complementando essa ideia, a perspectiva fenomenológica, entende que para se compreender o projeto de ser mulher é preciso considerar as escolhas dessa mulher e o grau de autonomia nelas envolvido a partir da sua inserção no contexto de relações sociais concretas (BIROLI, 2013).

Neste contexto, reafirma-se a importância do feminismo que procura desconstruir os processos ideológicos tradicionais. A busca pela igualdade dos direitos femininos e masculinos marca a transformação das vivências amorosas,

assim como, a transformação da sexualidade feminina (DANTAS, 2011). Hoje, as mulheres já conseguem se relacionar expressando seu desejo e busca do prazer sexual (BERTAGLIA; MANFREDINI; KUBLIKOWSKI; REIS, 2016).

Para a Gestalt-terapia há um desequilíbrio que recai sobre a mulher e sobre a sua sexualidade, mesmo que ela não reconheça de fato onde ele ocorra (DANTAS, 2011). A maneira como homens e mulheres vivenciam as relações amorosas na heterossexualidade recebe forte influência do patriarcado, influência esta vinda através da educação dada a homens e mulheres que foi imposta e atravessou longos anos, sendo este o momento de questionar e problematizar nossa sociedade patriarcal, suas regras e seus efeitos (LOUZEIRO, 2018).

Pinto (2013) traz à tona discussões sobre o ciúme, em um nível patológico, como um fator importante observado acerca das relações amorosas contemporâneas. A autora afirma que trata-se de um padrão baseado na busca pelo controle do relacionamento, quando as pessoas atacam os pontos vulneráveis uma da outra, padrão esse, que pode ser visto a partir das multitarefas assumidas de forma (in)consciente pelas mulheres e que causam um efeito esmagador, provocando assim um adoecimento, um descompasso em sua sexualidade (PINTO, 2013).

Para a Gestalt-terapia a sexualidade é uma atitude de acolhimento e respeito à diversidade das necessidades e dos desejos, opondo-se a normas pré-definidas. Nessa abordagem, a sexualidade deve ser compreendida em razão do campo a qual ele pertence e não como resultado apenas da realidade interna do indivíduo (GINGER, 2011; MOLLER, 2011).

Observa-se, no entanto, que apesar dos novos papéis que a mulher vem ocupando na sociedade contemporânea, a imagem associada à mulher-mãe ainda é muito valorizada e a maternidade continua sendo idealizada e compreendida como um salto qualitativo para a vida da mulher, colocando a mulher novamente como responsável por educar os filhos e principalmente por simbolizar “bons costumes” (LOUZEIRO, 2018). Ao romantizar o amor como base para a construção da vida conjugal a dois, nos preceitos da religião, a

mulher recai novamente sob o status de dona de casa, do lar, cuidadora dos filhos e do marido, lembrando novamente a dependência dela ao seu companheiro e a falta de poder sobre si (MARENDAZ, 2016).

Diante disso, o feminismo busca conservar uma de suas principais características que é a reflexão crítica sobre as contradições da modernidade, principalmente, no que tange a libertação das mulheres, afim de ampliar o conceito de política e de cidadania, ao subverter as noções do corpo e da sexualidade produzidos por relações de saber-poder (RAGO, 2019). Neste sentido, ser feminista é estar de acordo com suas próprias convicções e não se deixar levar por imposições sociais, e a partir disso, viver livremente, não cabendo temer as deliberações machistas e patriarcais, tampouco conceber a violência em qualquer nível, pelo simples fato de ser mulher (DANTAS, 2011). Compreender ser feminista é ter a possibilidade do novo, de ter a sua versão individual de mundo, aceitação e responsabilidade pelo que percebe e pelas suas escolhas no mundo (AZEVEDO, 2019).

Com base na revisão de leituras aqui expostas, levantou-se a seguinte problematização para o desenvolvimento da pesquisa: qual a concepção sobre feminismo apresentada pela Gestalt-terapia? O objetivo Geral do estudo foi identificar a percepção sobre o feminismo embasada pela Gestalt-terapia. Para o alcance desse objetivo, traçou-se os objetivos específicos: catalogar os artigos de Gestalt-terapia publicados sobre o tema feminismo; identificar a percepção sobre feminismo com base na Gestalt- terapia.

2 MÉTODO

O presente estudo é uma pesquisa exploratória e seus dados foram analisados de forma qualitativa (GIL, 2002). Essa pesquisa explorou o tema de forma sistemática para a sua compreensão, a partir de uma revisão bibliográfica ordenada sobre o assunto.

Para o levantamento dos dados a serem analisados foram consultadas as seguintes revistas eletrônicas: Revista IGT na Rede, Revista Abordagem

Gestáltica e Revista NUFEN, com publicações entre 2010 a 2020. Como critério para a pesquisa foram excluídos artigos que não apresentavam texto completo disponível on-line de forma gratuita, assim como artigos e publicações que não obtinham o embasamento em Gestalt-terapia como centro de suas pesquisas. Buscou-se os artigos com base nos descritores: feminismo, feminismo e Gestalt-terapia, mulher e Gestalt, mulher na contemporaneidade.

Leituras sistemáticas foram desenvolvidas para a extração de trechos dos textos relevantes para o estudo. Fez-se uma leitura ordenada e analítica para o encontro dos dados que orientassem as respostas significativas sobre a questão levantada pela pesquisa. Em seguida, os conteúdos foram agrupados em categorias (GIL, 2002). Elaborou-se um quadro (Quadro 1) com a classificação das informações.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Quadro 1 mostra os artigos selecionados para a análise dos dados e discussão.

Revista	Autores	Artigos	Ano
Revista IGT na Rede	DANTAS, Margarida Florencio	A gestalt-terapia diante do amor nas relações afetivas heterossexuais	2011
Revista Abordagem Gestáltica	PIMENTEL, Adelmá	Violência doméstica praticada por homens detidos na Delegacia da Mulher de Belém.	2010
Revista IGT na Rede	PINTO, Bruna Cabral Vianna	A influência dos aspectos contemporâneos na sexualidade feminina – uma visão gestáltica	2012
Rev. NUFEN	SANTOS, Cristina Vianna Moreira dos; IRINEU, Bruna Andrade	Violência contra mulheres e promoção de saúde mental na comunidade.	2019
Revista IGT na Rede	GINGER, Serge	Cérebros femininos vs. Cérebros masculinos	2011
Rev. NUFEN	FABENI, Lorena	O discurso do "amor" e da "dependência afetiva" no atendimento às mulheres em situação de violência.	2015
Revista Abordagem	MOLLER, Cíntia Vieira;	A sexualidade feminina pela	2011

Gestáltica	ANDRADE, Celana Cardoso	perspectiva da Gestalt-terapia: uma pesquisa qualitativa-fenomenológica.	
Revista IGT na Rede	AZEVEDO, Hermes	Gestalt-terapia: uma incômoda versão de mundo e de relação	2019
Revista Abordagem Gestáltica	BENEVIDES, Rafaelle F. C.; BORIS, Georges D. J. B.	A experiência vivida de mulheres na conjugalidade contemporânea: uma perspectiva fenomenológico-existencial.	2020
Revista IGT na Rede	PINTO, Bruna Cabral Vianna	O ciúme nas relações amorosas contemporâneas: um olhar gestáltico	2013
Revista IGT na Rede	MARENDAZ, Evane	Vida sexual e a religião batista: um olhar gestáltico	2016
Revista Abordagem Gestáltica	MOREIRA, Ana Regina de Lima; DUTRA, Elza Maria do Socorro	Compreendendo a experiência do sofrimento de mulheres na relação amorosa	2013

Quadro 1: Artigos de Gestalt-terapia sobre o tema feminismo

A seguir, apresenta-se as categorias encontradas: Liberdade Ameaçada, Busca de Autenticidade, Modo Feminino de Estar no Mundo.

3.1 LIBERDADE AMEAÇADA

Essa categoria descreve a busca de liberdade pelas mulheres, desde influências religiosas, como também sociais e políticas. Há uma ameaça à liberdade da mulher, à medida que instituições religiosas se apropriam de seu corpo, dizendo como devem se portar, indicando a falta de liberdade e a violência contra o gênero feminino (SANTOS, 2019).

A influência sobre a sexualidade, dentro dos parâmetros da religião, sobre o corpo e o desejo sexual feminino, exaltando-se a pureza da vida sexual, quando praticada dentro desses parâmetros (MARENDAZ, 2016), demonstra a coerção sobre a liberdade feminina. Isso, porque ainda está presente uma lógica religiosa na sociedade, limitando e reduzindo a mulher em diversos aspectos, como na sexualidade, por exemplo (MARENDAZ, 2016).

O ciúme também aparece como alvo de discussão dentro das relações, trazendo uma reflexão acerca de sua função mantenedora de poder nas relações

conjugais e como é para cada indivíduo, onde a mulher deveria aceitar o desrespeito dentro do matrimônio, e o homem por sua vez, possui a justificativa do ciúme pelo lugar que ocupa (PINTO, 2013). Diante dessa liberdade ameaçada, a mulher ainda sofre violência, ocorrendo principalmente em lares onde há uma predominância da vinculação do homem ao poder e da subjetividade masculina, baseada no domínio (PIMENTEL, 2010). O ciúme torna-se então, um subproduto de uma sociedade violenta, apoiada pelo sexismo e machismo, no qual favorece o aumento do índice de feminicídio, ameaçando a liberdade da mulher (MARENDAZ, 2016).

3.2 MODO FEMININO DE ESTAR NO MUNDO

Nessa categoria, identifica-se a percepção sobre o modo como a mulher se apresenta no mundo, diante de tantas lutas de reconhecimento por seu valor em sua existência. Observa-se que resumida a “útero” e a “beleza”, a auto percepção feminina sofreu uma série de transformações, como a dificuldade em viver no aqui-agora como uma das mais importantes. Essa problemática acontece pelas exigências sofridas pela mulher na sociedade, como trabalhar, cuidar da casa e filhos, e se manter sempre linda (PINTO, 2013).

Ao longo dos anos, houve mudanças na expectativa da vida da mulher, pois alcançaram autonomia no mercado de trabalho, direito ao ensino educacional e liberdade de expressão. Porém, ainda hoje, há um pensamento sexista sobre a mulher diante das tarefas desempenhadas por elas (RIBEIRO, 2019).

Mesmo na contemporaneidade, onde mulheres e homens alcançaram espaços mais igualitários, pode-se perceber que há também uma mudança no modo de agir de ambos em busca de um relacionamento afetivo mais satisfatório. No entanto, hoje a mulher consegue se relacionar com um parceiro sem que haja um relacionamento, ou seja, estabelece uma “relação informal” onde também buscam a conquista de poder sobre os homens e relacionam-se com eles predominantemente para obtenção do prazer sexual (BERTAGLIA; MANFREDINI; KUBLIKOWSKI; REIS, 2016).

No entanto, diante de uma construção social machista que homens possuem sentimento de posse acerca da mulher, são identificados muitos casos de violência contra o gênero feminino. É preciso preocupar-se com as práticas machistas que causam danos como violência, humilhação, discriminação e preconceito para ambos os gêneros (DE OLIVEIRA; ROSE MAIO, 2016).

A desigualdade de gênero entrelaçada ao amor romântico, influência na construção da percepção feminina, alterando sua forma de estar no mundo e proporcionando experiências com sofrimentos (FABENI, 2015). Os motivos que levam muitas mulheres a aceitar e/ou até mesmo a continuar em relacionamentos insatisfatórios depois de um ato violento de seu companheiro, são muitos. Pode-se citar o medo do agressor, a dependência financeira, a vergonha da punição, a dependência afetiva, entre outros. A denúncia deveria ocupar um lugar de conforto, porém, em alguns casos, acarreta em medo do término e insegurança em relação ao seu parceiro (FABENI, 2015).

A vivência histórica que recai sobre a mulher ao longo de todos esses anos, desde a antiguidade, ainda está de alguma forma presente nas relações estabelecidas, seja pela forma de amor, pelas tarefas que precisa desempenhar ou ainda pelo lugar de desvalia que ainda ocupa na sociedade (HAHON, 2018).

3.3 BUSCA DE AUTENTICIDADE

Esta categoria demonstra a busca pela autenticidade feminina diante de tantos preconceitos que envolvem a sexualidade. As relações sexuais vivenciadas pela mulher na atualidade recebem influência da educação advinda do patriarcado, onde homens são incentivados a serem ativos sexualmente e mulheres recatadas (DANTAS, 2011). No entanto, a compreensão da sexualidade feminina, num processo que preza pelo autoconhecimento e a auto aceitação são constituintes do empoderamento feminino. Sendo possível estabelecer uma vivência saudável da sexualidade entre reais necessidades e vontades, e ao mesmo tempo, livre de preconceitos (PINTO, 2012).

As mulheres, na contemporaneidade, são percebidas como resultado de uma

construção social e histórica, em que muitas práticas relacionadas a elas podem ser compreendidas a partir do século XVIII, quando os franceses começaram a introduzir práticas de controle sobre a vida sexual da população (MOREIRA, 2013). A sexualidade feminina deveria ser compreendida e tratada de forma natural e saudável, voltada para o prazer. No entanto, se tornou um subproduto de uma sociedade machista e preconceituosa, no qual é marcada por muitos paradigmas provocando sentimento de culpa e influenciada pelo preconceito religioso (SILVA, 2005).

No campo biológico identifica-se algumas diferenças fisiológicas entre homens e mulheres, mas nenhuma diferença marca superioridade entre eles. Há uma construção de pensamento sobre a sexualidade masculina e feminina, em que a masculina está vinculada a vida sexual ativa e a feminina ao amor (GINGER, 2011). A partir de 1970 iniciou-se uma tentativa de combater os argumentos naturalistas do determinismo biológico, com objetivo de desconstruir o desligamento da sociedade em relação à diferença entre os sexos (GINGER, 2011).

Contudo, é preciso entender que a sexualidade possui um tempo e ritmo próprio para ser desenvolvida (MOLLER, 2011). Compreender e vivenciar a sexualidade feminina de forma empoderada, será viável, quando mulheres começarem a trabalhar seu autoconhecimento e auto aceitação (DANTAS, 2011). Pois, é a partir do contato com suas necessidades específicas, que mulheres podem começar a desenvolver sua autenticidade e superando todo o preconceito (PINTO, 2012). O empoderamento das mulheres promove a consciência de seu sentido de mundo e das suas relações (AZEVEDO, 2019).

4 CONCLUSÃO

Diante da problematização levantada sobre o feminismo, o presente artigo foi desenvolvido com objetivo de identificar a percepção sobre feminismo embasada pela Gestalt-terapia.

Os resultados apontaram que a evolução contínua do movimento feminista

influenciou a concepção sobre o ser mulher apresentada pela Gestalt-terapia. Novos entendimentos e quebras de paradigmas sobre o seu lugar na sociedade e em suas formas de relações construídas e estabelecidas, indicam uma busca por autenticidade e liberdade de ser na sociedade, que envolve a expressão de sua sexualidade e de seu valor.

Sugere-se a continuidade da pesquisa sobre o assunto proposto, a fim de que se possa ampliar o conhecimento gerado em Gestalt-terapia e prática psicológica, proporcionando condições favoráveis para sua aplicação e mediando o desenvolvimento humano com mais qualidade na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Néri de Barros. **A Idade Média entre o "poder público" e a "centralização política"**: itinerários de uma construção historiográfica. *Varia hist.*, Belo Horizonte, v. 26, n. 43, p. 49-70, June 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752010000100004&lng=en&nrm=iso>. access on 11 Nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-87752010000100004>.
- ANJOS, Simony dos. **O Pecado original, a submissão e o dever da procriação**: o tripé da opressão da sexualidade das mulheres. 2018. Disponível em: <http://www.justificando.com/2018/08/13/o-pecado-original-a-submissao-e-o-dever-da-procriacao-o-tripe-da-opressao-da-sexualidade-das-mulheres/>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- AZEVEDO, Hermes. Gestalt-Terapia: Uma incômoda versão de mundo e de relação. **Revista Igt na Rede**, Tijuca, v. 16, n. 30, p. 50-63, 2019. Disponível em: <https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=216&layout=html>. Acesso em: 22 out. 2020.
- BARROS, Antonio Teixeira. Internet e política para mulheres: análise dos websites das parlamentares da Bancada Feminina do Congresso Nacional. **Revista Democracia Digital e Governo Eletrônico**, Florianópolis, v. 1, n. 12, p. 183-211, 2015. Disponível em: <http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/index.php/observatoriodoegov/article/view/226>. Acesso em: 21 out. 2020.
- BERTAGLIA, P. C. C.; MANFREDINI, A.M. N.; KUBLIKOWSKI, I; REIS, J. B. G., **“Jogos do amor no funk: o significado atribuído às relações amorosas nas letras de músicas do funk”**. Artigo apresentado no Congresso Brasileiro de Terapia Familiar, Gramado, Rio Grande do Sul, 08-11 de junho de 2016.
- BERTH, Joice. **Empoderamento: feminismos plurais**. Belo Horizonte: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BEZERRA, Juliana. **Feminismo no Brasil**. 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/feminismo-no-brasil/>. Acesso em: 15 out. 2020.
- BIROLI, Flávia. Autonomia, opressão e identidades: a ressignificação da experiência na teoria política feminista. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 21,

- n. 1, p. 81-105, Apr. 2013 . Available from
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100005&lng=en&nrm=iso>. access on 11 Nov. 2020.
<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100005>.
- CARVALHO, Frank Viana. **FILOSOFANDO**: espaço de ideias e reflexões em filosofia e educação. **ESPAÇO DE IDEIAS E REFLEXÕES EM FILOSOFIA E EDUCAÇÃO**. 2011. Disponível em:
<https://frankvcarvalho.blogspot.com/2011/08/humanismo-e-antropocentrismo.html>. Acesso em: 11 nov. 2020.
- CHAUI, Marilena de Souza. Ideologia e educação. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 42, n. 1, p. 245-258, mar. 2016 . Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022016000100245&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022016420100400>.
- COELHO, Mayara Pacheco. Vozes que ecoam: Feminismo e Mídias Sociais. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei , v. 11, n. 1, p. 214-224, jun. 2016 . Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000100017&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 nov. 2020.
- DANTAS, Margarida Florencio. A Gestalt-Terapia diante do amor nas relações afetivas heterossexuais. **Revista Igt na Rede**, Tijuca, v. 8, n. 14, p. 40-55, 2011. Disponível em:
<https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=304&layout=html>. Acesso em: 23 out. 2020.
- DE OLIVEIRA, Márcio; ROSE MAIO, Eliane. “VOCÊ TENTOU FECHAR AS PERNAS?” – A CULTURA MACHISTA IMPREGNADA NAS PRÁTICAS SOCIAIS. **POLÊMICA**, [S.l.], v. 16, n. 3, p. 001-018, ago. 2016. ISSN 1676-0727. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/25199/18031>>. Acesso em: 13 nov. 2020. doi:<https://doi.org/10.12957/polemica.2016.25199>.
- FABENI, Lorena et al . O discurso do "amor" e da "dependência afetiva" no atendimento às mulheres em situação de violência. **Rev. NUFEN**, Belém , v. 7, n. 1, p. 32-47, 2015 . Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912015000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 nov. 2020.
- FRACCARO, Glaucia Cristina Candian. Mulheres, sindicato e organização política nas greves de 1917 em São Paulo. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo , v. 37, n. 76, p. 73-90, Dec. 2017 . Available from
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882017000300073&lng=en&nrm=iso>. access on 11 Nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/1806-93472017v37n76-04>.
- FRACCARO, Glaucia. **Os direitos das mulheres**: feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937). Rio de Janeiro: Editora Fgv, 2018.
- GIL, A. C., Como elaborar Projeto de Pesquisa, 4ª ed. São Paulo: **Atlas**, 2002 S.P.
- GINGER, Serge. Cérebros femininos vs. cérebros masculinos. **Revista Igt na Rede**, Tijuca, v. 8, n. 14, p. 80-91, 2011. Disponível em:
<https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=342&layout=html>. Acesso em: 22 out. 2020.
- HAHON, Renata Marim. **FEMINISMO CONTEMPORÂNEO E A PERCEPÇÃO**

HOMEM-MULHER. 2018. 40 f. Monografia (Especialização) - Curso de Ciência Política, Universidade de Brasília Instituto de Ciência Política, Brasília - Df, 2018. Disponível em:

https://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/25409/1/2018_RenataMarimHahon_tc.c.pdf. Acesso em: 14 out. 2020.

HELENA, Letícia. Livro conta a história do movimento de mulheres no Brasil dos anos 90. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 2005. p. 17

LOUZEIRO, Teresa Cristina Pereira. **As interfaces entre masculinidade e violência contra a mulher: uma perspectiva gestáltica**. 2018. 68 f.

Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2018. Disponível em:

<http://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/2344/1/Teresa%20Cristina%20Pereira.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2020.

LUCZINSKI, Giovana Fagundes; VIANNA, Keyth; GARCIA, Renata Parente; NUNES, Vanessa Hime; TSALLIS, Alexandra. Gestalt-terapia e

Empoderamento Feminino na Relação Terapêutica: reverberações a partir do atendimento psicoterápico entre mulheres. **Estudos e Pesquisas em**

Psicologia, [S.L.], v. 19, n. 4, p. 947-963, 18 mar. 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/epp.2019.49294>.

MARENDAZ, Evane. Vida sexual e a religião Batista: um olhar

gestáltico. **Revista Igt na Rede**, Tijuca, v. 13, n. 25, p. 323-339, 2016.

Disponível em: <https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=572&layout=html>.

Acesso em: 23 out. 2020.

MEDEIROS, Luciene. As muitas faces da violência contra a mulher na

perspectiva de gênero. **Letra Capital**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 22-36, 2020.

Disponível em:

<http://www.ser.pucRio.br/uploads/assets/files/Ebook%20em%20PDF%20As%20muitas%20faces...%20%281%29%281%29.pdf#page=22>). Acesso em: 16 out. 2020.

MEDEIROS, Luciene. Políticas públicas de enfrentamento à violência contra a mulher. **Letra Capital**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 47-62, 2018. Disponível em:

<http://www.ser.pucRio.br/uploads/assets/files/Pol%C3%ADticas%20p%C3%ABlicas%20de%20enfrentamento%20%C3%A0%20viol%C3%Aancia%20contra%20a%20mulher.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

MOLLER, Cíntia Vieira; ANDRADE, Celana Cardoso. A sexualidade feminina pela perspectiva da Gestalt-terapia: uma pesquisa qualitativa-fenomenológica.

Rev. abordagem gestalt., Goiânia, v. 17, n. 1, p. 8-17, jun. 2011. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100003&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 11 nov. 2020.

MOREIRA, Ana Regina de Lima; DUTRA, Elza Maria do Socorro.

Compreendendo a experiência do sofrimento de mulheres na relação amorosa.

Rev. abordagem gestalt., Goiânia, v. 19, n. 1, p. 3-4, jul. 2013. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 nov. 2020.

PAIVA, Wilson Alves de. A questão da mulher em Rousseau e as críticas de Mary Wollstonecraft. **Ethic@ - An International Journal For Moral**

Philosophy, [S.L.], v. 18, n. 3, p. 357-380, 31 dez. 2019. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1677-2954.2019v18n3p357>.

2954.2019v18n3p357.

PIMENTEL, Adelma. Violência doméstica praticada por homens detidos na

- Delegacia da Mulher de Belém. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia , v. 16, n. 2, p. 148-156, dez. 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672010000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 nov. 2020.
- PINTO, Bruna Cabral Vianna. A influência dos aspectos contemporâneos na sexualidade feminina – Uma visão gestáltica. **Revista Igt na Rede**, Tijuca, v. 9, n. 17, p. 161-170, 2012. Disponível em: <https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=397&layout=html>. Acesso em: 22 out. 2020.
- PINTO, Bruna Cabral Vianna. O ciúme nas relações amorosas contemporâneas: um olhar gestáltico. **Revista Igt na Rede**, Tijuca, v. 10, n. 19, p. 239-249, 2013. Disponível em: <https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=433&layout=html>. Acesso em: 21 out. 2020.
- PRIORI, Mary Del. História do amor no Brasil. 2ªed. São Paulo, **Contexto**, 2006.
- RAGO, Margareth. “Estar na hora do mundo”: subjetividade e política em Foucault e nos feminismos. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 23, e180515, 2019 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832019000100150&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Nov. 2020. Epub Feb 28, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/interface.180515>.
- RIBEIRO, Amanda de Souza; PÁTARO, Ricardo Fernandes. Reflexões sobre o sexismo a partir do cotidiano escolar. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 4, n. 6, p. 156-175, 2015. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/viewFile/806/420>. Acesso em: 11 nov. 2020.
- RIBEIRO, D. Lugar de fala. São Paulo: Sueli Carneiro; **Pólen**, 2019.
- SANTIAGO, Emerson. **Antropocentrismo**. 2013. Disponível em: <https://www.infoescola.com/filosofia/antropocentrismo/>. Acesso em: 11 nov. 2020.
- SANTOS, Cristina Vianna Moreira dos; IRINEU, Bruna Andrade. Violência contra mulheres e promoção de saúde mental na comunidade. **Rev. NUFEN**, Belém , v. 11, n. 1, p. 232-245, abr. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217525912019000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 11 nov. 2020. <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº01rex27>.
- SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. **Inc.Soc**, Brasília, v. 11, n. 02, p. 15-29, 2018.
- SILVA, Carmen; CAMURÇA, Silvia. **Feminismo e movimento de mulheres**. Recife: SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, 2010.
- SILVA, Glauce Cerqueira Corrêa da et al. A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 65-76, dez. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151608582005000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 nov. 2020.